

POR QUE DANÇAR APENAS NOS INTERVALOS DAS AULAS?

Camila Silva de Aguiar

EMEFM Derville Allegretti

EMEF Máximo de Moura Santos

RESUMO: O presente texto traz uma intervenção pedagógica com alunos de 7ª série do Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal de São Paulo. O trabalho está pautado na perspectiva cultural da Educação Física. Essa abordagem busca ampliar a visão do repertório cultural do aluno, entendendo que a prática corporal expressa vários sentimentos e saberes de acordo com os diferentes grupos sociais. Desenvolvemos o projeto sobre dança pelos seguintes motivos: era uma prática presente no cotidiano dos alunos e por não ser uma temática trabalhada em anos anteriores, baseando assim na justiça curricular que é entendida como abertura de espaço e voz aos grupos subjugados, as suas práticas e representações. Durante todo o trabalho buscou-se ações que levassem os alunos a identificar, interpretar e refletir, ampliando sua visão sobre a temática.

Palavras-chaves: dança, cultura, justiça curricular.

Este trabalho apresenta um relato de experiência realizado com duas turmas de 7ª série de uma Escola Municipal situada na Zona Norte da Cidade de São Paulo, EMEFM Derville Allegretti, durante o segundo semestre de 2009. A minha participação no Grupo Referência de Educação Física da Diretoria de Orientação Técnica da Prefeitura muito auxiliou no desenvolvimento do trabalho que se fundamenta na perspectiva cultural.

Essa perspectiva entende que as práticas corporais são dotadas de sentidos, significados, valores que são socializados, produzidos e reproduzidos de geração a geração.

Ao tematizar determinada manifestação corporal, trabalha-se além da vivência motora. Visa ampliar a ação pedagógica para os diversos sentimentos e saberes relacionados aquela prática corporal, que configuram o patrimônio cultural de diversos grupos sociais.

Um dos objetivos do projeto pedagógico da escola é desenvolver a capacidade leitora e escritora dos alunos. Uma vez que na perspectiva cultural da Educação Física o corpo comunica determinados modos de ser, pensar e agir, reflete determinada história, trajetória de vida e cultura compreende-se, dessa forma, que o corpo é um suporte textual, em que a linguagem corporal pode ser interpretada.

Nesse sentido “ler e escrever” na Educação Física é “Identificar, Interpretar, Compreender, Refletir” sobre determinada manifestação corporal (SÃO PAULO, 2007). Busca-se a ampliação da visão do repertório cultural do aluno, acessando códigos de comunicação de diversas culturas, buscando desestabilizar certos valores, conceitos, preconceitos, tradições, refletidas no corpo, como

também identificar as relações de poder. Ao compreender as relações na sociedade, o aluno poderá ter uma postura crítica ao assumir determinadas posições de sujeito.

Ou seja, através de uma política da diferença, o trabalho pedagógico poderá levar os alunos a refletirem sobre os problemas sociais e como são representadas por outros grupos sociais.

Ao entrar em contato com outras identidades culturais, uma identidade cultural pode ser desestabilizada, reconhecida e até mesmo contestada em seus princípios básicos, expondo-se a crítica e favorecendo a auto-crítica (NUNES e RUBIO, 2008, p.73).

Pautada nessa perspectiva, para iniciar o trabalho na escola foi realizado um mapeamento das práticas corporais, através de identificação de práticas vivenciadas em anos anteriores, conversas, observação da rotina escolar.

Ao realizar o mapeamento dos conhecimentos dos alunos optei por propor o estudo do psy pelos seguintes motivos: era uma prática muito presente em momentos de descontração dos alunos como intervalo entre as aulas, lanche; e a dança não foi uma manifestação trabalhada em anos anteriores, o trabalho era apenas voltado para o esporte. Nesse último aspecto, me baseei na justiça curricular que é entendida como abertura de espaço e voz aos grupos subjugados, as suas práticas e representações. Ou seja, ter uma postura pedagógica “que supere o daltonismo cultural usualmente presentes nas escolas, responsável pela desconsideração do ‘arco-íris’ de culturas com que se precise trabalhar.” (MOREIRA E CANDAU, 2003, p.161).

Para tratar o tema passei primeiramente um vídeo filmagens do psy. Logo após o vídeo, os estudantes responderam um questionário para identificar semelhanças, diferenças entre outras danças, qual é o grupo e local que praticam e se praticavam.

A partir das respostas dos alunos, descobri que dentro da música eletrônica além do psy, há vários estilos de músicas e danças eletrônica que também vivenciavam. Então, busquei maiores informações sobre esses outros estilos de dança.

Passamos, então, a identificar e vivenciar algumas danças eletrônicas que eles praticavam e adaptá-las ao contexto escolar, dentre elas: rebolection, jumpstyle, shuffle. Para essa experimentação, contamos com o recurso de vídeos mostrando passo a passo, e principalmente com a ajuda dos próprios alunos que tinham uma maior vivência.

É interessante destacar que os alunos ficaram impressionados com a possibilidade de estudar o psy e as danças eletrônicas, pois só vivenciavam nos intervalos das aulas e fora do ambiente escolar, levando-os a questionar esse espaço dentro da escola. Contudo, houve também no início do trabalho grande resistência por parte de um grupo de alunos que queriam e defendiam a prática esportiva. Mas ao longo do trabalho, foram se envolvendo e participando aos poucos das aulas.

Para aprofundarmos o estudo do tema, passei um vídeo televisivo que explicava algumas diferenças entre esses estilos e descobrimos mais um o tektonic. Assim, solicitei que os alunos fizessem uma pesquisa e busquei outros vídeos sobre o tektonic.

Discutimos as informações coletadas dos diferentes tipos de dança eletrônica, conversamos sobre os estilos de roupa dos praticantes, as batidas das músicas e a tecnologia. Posteriormente levei um texto sobre o estilo psy e como as primeiras raves aconteciam, quais eram os propósitos iniciais, de resistência e paz, e entramos na discussão de como estas festas viraram um mercado lucrativo. Logo após, responderam um questionário.

Entre essas discussões, propus aos alunos que criassem uma apresentação, deixando-os livres para trazer elementos de outros estilos de dança. Alguns alunos trouxeram elementos do break, e alguns passos do Michael Jackson, que na época ganhou destaque na mídia depois de sua morte e estréia do filme.

Como avaliação final, a turma se dividiu em grupos para organizar uma apresentação geral da sala. Nesse momento, convidaram alunos de outra sala para participar e incluíram o swing poi na apresentação, trazido por um aluno de outra turma.

A avaliação aconteceu durante todo o processo de trabalho, através das conversas, pesquisa, questionários e como avaliação final a participação na organização da apresentação.

Percebe-se que os alunos, de forma geral, ampliaram sua visão sobre o psy e as danças eletrônicas. Contudo, alguns elementos devido ao tempo não foram aprofundados: como os diferentes e variados estilos de músicas eletrônicas e suas origens, o swing poi, questões relacionadas a drogas, ficando para um outro trabalho.

Referências bibliográficas

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V.M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. *Revista Brasileira de Educação*. n.23, pp. 156 – 168, maio/jun/jul/ago, 2003

NEIRA, M. G. e NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas**. São Paulo: Phorte, 2006.

NUNES, M. L. F. e RUBIO, K. O(s) currículo(s) da Educação Física e a constituição da identidade de seus sujeitos. **Currículo sem Fronteiras**, v.8, n.2, pp55-77, jul/dez, 2008.

SÃO PAULO. SECRETARIA MUNICIPAL DE ENSINO. Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: Educação Física. São Paulo: SME/DOT, 2007. 104 p.

Material requisitado: Datashow